



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **POETAS VIMARANENSES. CONFERÊNCIA RECITAL, REALIZADA NAS OFICINAS DE S. JOSÉ, DE GUIMARÃES.**

CARVALHO, A. L.

Ano: 1931 | Número: 41

---

### **Como citar este documento:**

CARVALHO, A. L., Poetas Vimaraneses. Conferência Recital, realizada nas Oficinas de S. José, de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 41 (4) Out-Dez. 1931, p. 265-278.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Poetas Vimaranenses

(Conferência recital, realizada nas oficinas de S. José, de Guimarães)

Plangentes vozes clamam: a Poesia é morta!

Oh, não! A Poesia é eternal e divina. Não morrerá, jamais.

Enquanto houver criaturas híper-sensíveis sôbre a terra, há-de haver quem medite em seu coração e em seu espírito. E é meditando, contemplando nas cousas criadas e incriadas da Natureza, que o lirismo brota das almas como veio de água cristalina, fresca, murmurosa.

A Poesia, na sua mais alta ascensão espiritual e estética, não morrerá. Neste planeta onde o Homem é verme e é águia, a Poesia é fonte de lirismo que continua dessedentando as almas sensitivas, sequiosas de Sonho e de Perfeição. A Poesia não morre. O que está fenecendo em nossos peitos é a flor ideal do Sentimento, cujo pólen e perfume geram os temperamentos poéticos.

E não admira. Numa época, como a nossa, em que uma turba multa anda empenhada em destronar das suas peanhas doiradas os deuses do Amor e da Humildade para os substituir pelos mitos grosseiros da Fôrça e do Egoísmo, não admira que os temperamentos poéticos se retraiam, e as próprias fontes da inspiração se sequem.

Apesar disso, por muito que custe a compreender estas verdades às almas áridas e frias, a Poesia, que é Beleza, que é Emoção, que é Ritmo, subsistirá, transcendente e imortal como a Ideia de Deus — seu *substratum*.

Quem morre, são as escolas poéticas; os seus criadores e discípulos. Quem morre — são os Poetas.

Mas enquanto houver mundo e nêle haja criaturas que saibam traduzir o doce embevecimento de uma noite de luar, a ária gorgeante das aves, o diálogo misterioso das estrêlas, a linguagem aromática das flores, os subtis segredos da brisa, os psalmos doloridos do vento, as litanias nostálgicas do mar, o sorriso angelico de uma criança, a lágrima acre e doce de uma mulher; — enquanto, enfim, houver criaturas de uma tão delicada receptividade

sensória que se comuniquem do secreto domínio sinfónico da Luz, da Côr, do Som, da Forma — haverá no mundo Poetas!

### Senhoras e Senhores:

Hamlet, figura modelada em tragédia e sofrimento, tomando uma caveira do ossário anónimo, interroga-a: — Quem és?!...

Na romagem de estudo que vou tentar através um cemitério de cruces e ciprestes, eu não praticarei a impiedade de me impregnar dessa sêca filosofia de Hamlet, cuja fórmula integral se fecha nesta sentença-dilema:

— «Ser ou não ser!»

Falando de poetas já mortos, eu prefiro exaurir dos filtros amorosos da ternura humana os bálsamos suaves que dão frescura às almas e as inclinam para o Bem, alcançando dêste modo ver perpassar essas figuras, espíritos superiores da nossa terra, não como espectros da meia noite, «por entre as campas arrastando o manto», mas como Numes tutelares exalçados pela nossa simpatia.

Antes, porém, de descerrar a gaze lilás que envolve essas figuras já reclinadas no seio da Morte, devo em Justiça afirmar — que nem tôdas realizaram em si o tipo mental e perfeito do Poeta. Muitos apenas poetaram; fizeram versos. Uns e outros, porém, aqui têm lugar pela porção de lirismo e arte que realizaram, praticando um dos ramos de literatura mais emotivo e, por isso mesmo, mais grato ao coração da mulher.

### Minhas Senhoras:

Foi uma mulher — lírio místico — que lançou a semente de onde viria a germinar o burgo de Guimarães. Mumadona, condessa galega, mandara edificar no sec. X, na sua «quintana de Vimarani», assente em vale fértil, um mosteiro em honra do Salvador do Mundo. No seu testamento citam-se 35 obras de saber eclesiástico e sacro. Nenhuma, porém, em verso.

Mais ao norte, em terreno alcantilado, ficava o Castelo. Junto a êste se acomodava a alcáçova do nobre

Conde D. Henrique e sua espôsa — a «formosíssima infanta», como em documentos coevos era tratada.

Quanto ao tesouro das letras na alcáçova real, nenhum registo se faz. Apenas o historiador Gama Barros nos fala de um «Chanceler Magister», e Alexandre Herculano no Arquivista-Mor, aos quais é licito atribuir a posse da Arca da Sabedoria na real alcáçova.

Quanto a versos... escreve o erudito escritor Óscar de Prat: «O génio combativo e aventureiro da época não utilizariam a forma poética, ainda indecisa e ingenuamente simples.» ¿E como podia ser de outro modo, se já o poeta clássico, quinhentista, Sá de Miranda, assinalava o iletrismo primitivo?

«Dizem dos nossos passados  
Que o mais não sabiam ler;  
Eram bons, eram ousados...  
Eu não gabo o não saber.»

Mas gabavam-se de tal, pelo visto, aqueles antigos que deram azo a criar-se no seu tempo este velho anexam: — «Mais fidalgo é não saber ler.»

Sendo, todavia, Guimarães a primeira terra de Portugal, estava-lhe reservada a honra de ser também — como incontestavelmente foi — o primeiro centro de cultura literária e artística da Nação. Não correrei atrás da lenda que diz ter sido nestas paragens onde assentara seus domínios uma tribo nobre de galos celtas, toponimicamente designada por Araduca — Cidade de Letras. Para quê!

Se a crisálida poética dos vimaranenses proviesse dessa e doutras bizarras heranças, jamais um lírico botão de rosa desabrocharia a confirmar-lhes os pergaminhos hereditários. Procurando o veio originário da nossa ascendência na Poesia, encontrámo-lo dentro da colectividade vimaranense e no foco dêste quadro histórico. E' ver: Aqui fixaram suas côrtes «no intervalo das agitações guerreiras», Sancho I, Afonso II e Sancho II; aqui se criou na Colegiada «insigne e real», coeva da fundação do reino, a hierarquia do Cônego Mestre-Escola; aqui, à volta do templo de Santa Maria de Guimarães, se desenrolaram grandes romagens piedosas, em cujo caudal de forasteiros se destacavam reis e grandes de Portugal; procissões solenes e pompas litúrgicas; aqui se instala, no Mos-

teiro de S. Jerónimo da Costa, fundado pela Rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, um centro de estudos superiores: enquanto o povo—laboriosa colmeia de mestrais e mercadores—formando à volta do Município, organizado em classes e ofícios, oferece por si notáveis factores de ingénitas faculdades mentais e um natural pendor de imaginação poética.

A par destes elementos de vida local primitivos que deram a Guimarães—primeiro que a nenhuma terra portuguesa—um carácter e vida próprios, tínhamos, ou melhor dizendo, temos como despertador de uma inata e latente inspiração, o bucolismo da nossa paisagem, o qual, fora de dúvida, é um reservatório emocional, criador de estados de alma poéticos.

E como a poesia, no seguro dizer de Teófilo Braga e do grande Comte, «foi historicamente o ponto de partida das concepções gerais da inteligência humana», assim é que nós vamos encontrar na vida dos nossos escritores—quer eles sejam romancistas como Camilo e Júlio Denis, ou historiadores como Herculano e Oliveira Martins—uma fase poética mais ou menos acentuada. Não admira. Se no homem, como na Humanidade, são três os ciclos da sua evolução—sentir, pensar, querer—está naturalmente explicado que a primeira corda a desferir na literatura seja a afectiva, sob o influxo étnico do Amor, da Saúde, da Melancolia.

Quando, pois, da Provença—pátria de Mistral—nos vieram no séc. XII os primeiros trovadores, o génio lusitano deu-se inteiramente à Poesia «graciosa ciência», que já os reis D. Denis, D. Duarte, D. Pedro I, delicadamente cultivaram, ao lado da ciência de bem governar os povos.

#### Senhoras e Senhores:

Para que o nosso burgo vetusto se impregne da poeira dos séculos e a fisionomia das suas muralhas, tórres, castelos, coruchéus, mais scenograficamente avulte, é mister observá-lo no silêncio meditado de uma noite de luar. Depois, entregue o espírito ao grato prazer de recordar, deixemos que o pensamento, como um Pégaso alado, corra pelas nuvens, bradando o verso de Antero:

A galope, a galope, oh Fantazia!  
Plantemos uma tenda em cada estrela!

Só então a uma luz coada e doce veremos perpassar tôdas as figuras românticas e desgrenhadas dos nossos Poetas já mortos — cujo espírito gentil está presente nesta sala. Destarte, tenho a honra de apresentar a V. Ex.<sup>as</sup>

RUI GOMES DE BRITTEIROS (TROVADOR)

Junto à Citânia briteirense no sopé do Castro prê-histórico, assentava no séc. XII um solar. Rui, filho do 1.º Senhor de Briteiros; neto de frade cruzio, foi trovador. Amou Elvira, rica-Dona de mais alta estirpe e linhagem. Nos seus cantares de amor, suspira êste lastimoso carpir, que eu traduzo do galaico português:

Nunca fãõ coitado homem por mulher  
foi como eu por uma que me não quere...

Elvira, donzela de gran formosura e herdança, não amava o tropeiro. — «Nem por Santa Maria!» como êle apaixonado lhe implorava. Mas Rui Gomes, que tinha da sua raça o mais azougado sangue; êle que desde menino fôra embalado nas lendas de áspera luta dêsse povos cellas que nos píncaros bravios daqueles cêrros por ali fizeram seu habitáculo, há três milénios, — não podia conformar-se com o desdém da ingrata Elvira.

Eis porque, certa noite, após concentrado scismar, examinando a sela e ferragem do seu ginete, aparelhando-se de armas para sua defensão, montou resolutor, carregou o feltro sôbre a viseira, volteou a capa, meteu acicates à montada, e — partiu como uma flexa.

... Soube-se depois em aturdido alvorôço, que um rapto audacioso se havia cometido em terras da Maia, e que uma cavalgada de gente de armas em fúria de relâmpago, atravessara castelos, herdades e lugares, sumindo-se na espessura dos pinhais em demanda do «abutre» raptor.

Este acto romanesco do trovador Rui — diz a muito illustre e Douta Senhora D. Corolina Michaëlis de Vasconcelos no seu notável «*Cancioneiro da Ajuda*» —, collocava mal o audacioso raptor. Este, porém, por cometimentos valerosos, resgatara o seu «pecadilho de amor».

Rui Gomes de Briteiros, casara. E, como epílogo, deixara no seu solar um ninho de... trovadores.

Já então era uma linda frase literária na boca d'este trovador, quando suspiroso exclamava, olhando a lua:

— Ai! «melhor me seria a mim de morrer!»

Oh! como é liricamente belo morrer de amor! Sua-víssima dor é essa que mata os corações — de saúde! E esta «doença elegiaca», esta pecha melancólica anda tão agarrada às raízes dos corações portugueses, que já Cervantes repartindo por nós o génio do seu D. Quixote, dizia: — que era *costumbre de los portugueses, morir de amor*.

Na nebulose da geração do trovador briteirense, Afonso Mendes Besteiros nos é indicado pela douta escritora, o qual também no seu cantar, vertido em língua galaico-portuguesa, «llora de amor».

Chorar e morrer de amor, são destarte, estados psíquicos da alma poética dos portugueses.

Lope de Vega, outro escritor espanhol, fala assim de um português que chorava de puro amor:

A un portugués que lloraba  
Perguntaron la ocasion;  
Respondió que el corazón  
Y que enamorado estaba.

— ¿E quem põe a taça dêsse «delicioso pungir» nos lábios sequiosos dessa «seita» de ingénuos poetas que choram e morrem de puro amor?

São os grandes, os expressivos, os luminosos e aguados olhos de criança das mulheres portuguesas!

#### MANUEL GONÇALVES (O TROVADOR)

Ali em baixo, no bairro excêntrico de Rua de Couros, vê-se na nomenclatura de um largo o nome de «Manuel Gonçalves — Trovador».

— Quem foi?

¿Seria um galhardo cavaleiro, cultivando como gentil-homem a poesia e a música?

¿Seria um burguês abastado que por amor à arte pela arte fôsse elevado à galante condição de trovador?

¿Seria um plebeu que empunhasse o alaúde de tro-

veiro «segrel» ou jogral, recebendo paga pelos seus cantares?

Oito séculos volvidos sôbre esta figura, que a tradição reza haver sido natural de Guimarães e ter tido sua morada no bairro dos Couros, nada de positivo, recolhido nos códices, se escreve sôbre Manuel Gonçalves.

Diz o monografista P.<sup>o</sup> Caldas, que êste trovador vimaranense jaz sepulto no Mosteiro de Pombeiro.

Resta-nos ir ali em romagem colar o ouvido à pedra sepulcral, a ver se da própria lira do troveiro nos vem, em romanza de amor, a sua enigmática e novelesca história.

### Senhoras e Senhores :

Filhos do Minho, — da mais linda e antiga província de Portugal, ainda hoje tão rica de jóias folclóricas—, concentremo-nos na visão retrospectiva de dois séculos e meio votados à trova e à música dos cantares populares.

Romanzas, pastorelas, serranilhas, baladas, — todo êsse coeficiente poético de encantados ritmos que fizeram dos portugueses de antanho «cavaleiros andantes» correndo as sete partidas do mundo a desvendar terras e gentes ignoradas, — tudo isso que o portuguezinho valente fazia pelo seu Deus! pelo seu Rei! por sua Dama! é, minhas senhoras, o prelúdio sinfónico da Renascença, anunciando-nos a alvorada de um Grande, de um extraordinário Poeta vimaranense :

### GIL VICENTE

Da acalmada controvérsia levantada nos arraiais literários sôbre qual a terra natal de Gil Vicente, ainda até hoje não foi topado códice ou crónica antiga que destrua a tradição e os fundamentos dados em abôno da mais seguida opinião que assegura e proclama:

— Gil Vicente, filho de Guimarães!

Aqui brotou, em 1470, oriundo de uma familia de proletários, êsse singular vulto das letras portuguezas, a quem escritores: como Anselmo Braamcamp, attribue a suggestiva dualidade artística de — poeta e ourives.

A obra de Gil Vicente, onde fulgura o seu génio de

poeta, de filósofo, de historiador e de moralista, é, numa palavra, monumental!

Poeta da cõrte, sem ser *palaciano*, êle teve a coragem, rara no seu tempo, de vergastar os dissolutos e os ridículos, por mais alto que estivessem na escala social.

Os Autos, Farças, Comédias, Tragicomédias que Gil Vicente escreveu, musicou e algumas vezes representou, são em número elevado e constituem testemunho eloquente do seu formidável engenho dramático e artístico.

Foi não só uma glória das letras portuguesas, mas um vulto notável na história literária do mundo.

Admiremos, Senhores, uma pequenina figurinha pastoril que se vai mover dentro dêste quadro:

Paços reais da faustosa cõrte do mui poderoso Rei D. Manuel 1.º de Portugal. No vasto salão de tectos apainelados e elegantes portadas de puro estilo manuelino, vêem-se as paredes forradas de sumptuosos damascos e panos de Arraz, e o chão coberto de famosos tapetes persas. E' neste salão cuja grandeza mais avulta pela refulgência policrômica das luzes, dos cristais, e dos brocados, que está reünida a cõrte.

Sõbre estrado e debaixo de dossel, vêem-se o Rei, as Rainhas D. Leonor e D. Maria, a infanta D. Beatriz, e, em semi-círculo, rodeando o estrado real, as Donas, açafatas e donzelinhas-de-honor, aninhadas em coxins doirados.

Ao fundo dos cortesãos palacianos e figuras do alto clero e nobreza do reino, vêem-se menestrelis tocando atabales, charamelas, sacabuchas e alaúdes.

Descerra-se uma cortina. O Auto pastoril vai começar.

¿Quem é a primeira figura? A linda, a ingénua, a enamorada pegureira — Mofina Mendes — que a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Teresa Maria da Mota Prego Faria nos vai dar o prazer de interpretar:

Vou-me à feira de Trancoso  
E farei dinheiro grosso.  
Do que êste azeite render  
Comprarei ovos de pata,  
Que é cousa mais barata  
Qu'eu de lá posso trazer.  
E estes ovos chocarão;

Cada ovo dará um pato,  
 E cada pato um tostão,  
 Que passará de um milhão  
 E meio, a vender barato.  
 Casarei rica e honrada  
 Por estes ovos de páta,  
 E o dia que fôr casada  
 Sôirei etaviada  
 Com um brial d'escarlata,  
 E diante o desposado,  
 Que me estará namorando.  
 Virei de dentro bailado,  
 Esta cantiga cantando (1).

A's arcaicas truanices dos Bobos de saio multicolor e do sceptro de guisos — cujo tipo singular foi esse D. Bibas na corte D. Tareja, lá em cima, junto ao Castelo — succedeu-se o teatro vicentino de veia sarcástica e intuição lírica.

Engasta nessa galeria de personagens tão do agrado popular, uma figura angelica que entoa a Virgem uma terrissima oração de exaltação mística — verdadeira jóia engastada no hinário cristão. Peço à Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Albina Iracema do Quadros Flores que nos dê a honra de recitar os lindos versos vicentinos — *A' Virgem*.

Oh! Deus te salve, Maria,  
 Cheia de graça, graciosa,  
 Dos pecadores abrigo!  
 Goza-te com alegria,  
 Humana e divina rosa,  
 Porque o Senhor é contigo!

O' Virgem, se ouvir me queres,  
 Mais te quero inda dizer:  
 Benta és tu em mereceres  
 Mais que todas as mulheres,  
 Nascidas e por nascer.

Alta Senhora, sab'rás,  
 Que tua santa humildade  
 Te deu tanta dignidade,  
 Que um filho conceberás  
 Da Divina Eternidade.  
 Seu nome será chamado  
 Jesus e filho de Deus  
 E o teu ventre sagrado,  
 Ficará hortado cerrado;  
 E tu — Princesa dos Céus!

(1) Esta figura apresentou-se vestida à época.

Gil Vicente — patriarca do Riso, orago do Povo, precursor da Língua — viveu perto de 70 anos.

Foi Paula Vicente, a filha do Poeta, quem coordenou a obra dispersa de Gil Vicente.

Sejam V. Ex.<sup>as</sup>, Minhas Senhoras, quem ajude a erigir na nossa terra, monumento condigno e mais que nenhum outro merecido, a Gil Vicente — fundador do teatro português.

### Minhas Senhoras e Meus Senhores:

O sonho aurifulgente do promontório de Sagres que alcançou a conquista do Brasil, da Índia, da África, — o grande Império do Atlântico —, cai nas plagas de Alcácer Quivir, envolvendo em si o último Amadis, da nobre ala dos cavaleiros portugueses.

Na bruma da tristura nacional, já dizer se não pode como em tempos de Gil Vicente:

Em cada casa pandeiro,  
e gaita em cada palheiro;  
cada aldeia dez folias.

Um quarto de século decorrido, já Luís de Camões canta do mesmo povo a sua «tam apagada e vil tristeza».

Entrara a Nação em letargo. E' a dominação filipina. A perda da independência da Pátria. E porque o espírito poético, como emanção que é da alma popular, reflecte em si os grandes períodos históricos de um povo — os *Lusíadas* são a «arca santa» dos tesouros épicos da Raça...

¿Quem surge entre nós por essa época de decadentismo?

D. AGOSTINHO BARBOSA

Foi jurisconsulto, canonista e escritor muito notável. Escreveu em verso latino — diz Tagilde — as glórias da sua pátria e implorou a proiecção da Virgem da Oliveira. Simplesmente uma turbação política pesa sobre sua memória.

Enquanto os seus conferrâneos tocam a rebate o sino do Castelo e o da tórre da Oliveira, levantando-se por D. António Prior do Crato, — «arcanjo da independência»

que os vimaranenses viram menino nos estudos da Universidade da Costa—; enquanto os seus conterrâneos choraram comovidos, ouvindo aquela exortação patriótica feita diante do «Senhor Pelote», de D. João 1.<sup>o</sup> por um frade de S. Francisco,—D. Agostinho Barbosa, parcial de Filipe II, desaparece, tomando caminho de Espanha, em chusma com degenerados fidalgos. Morreu bispo em Nápoles.

### Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Estamos nos fins do século XVI. Guimarães compreende ainda duas povoações: a vila de cima à volta do Castelo e a vila velha rodeando o Mosteiro, já Colegiada. Duas povoações distintas com jurisdição própria.

O bairrismo apartava os seus moradores. As muralhas de D. Denis, também. Mas um sentimento nacionalista os unia para a defesa da Pátria.

A arraia miúda, em lances de perigo comum, por igual corria ao parapeito das muralhas, como os seus mais longínquos antepassados corriam à defesa do Castelo. Grei obscura, era contudo tão perita no manejo dos instrumentos do trabalho, como no brandir das armas e lançar dos virutões.

Eis porque durante o eclipse da nossa independência nacional, o povo vimaranense, olhava scismador e abatido as pedras escuras do Castelo, rememorando cêrcos e assédios do inimigo castelhano em que a ciclópica fortaleza fôra invencível.

Agora, para ali estava solitário êsse Castelo feudal, como um gigante de braços decepados. Olhando agora o Castelo, o povo, na sua dor, parecia visionar lá do alto, à hora do crepúsculo, a arremetida bélica dos campos de S. Mamede, ali nas várzeas de S. Torcato, onde a fina flor de cavaleiros e infanções, a nobre falange lusíada de Afonso Henriques, talhara a golpes de montante os lineamentos de uma Pátria independente e livre!

E a visão do passado, em cavalgada homérica, focalizava o vulto aguerrido e duro dos fortes varões que, fiéis ao nobre e viril «espelho de lealdade» do velho Egas Moniz, pareciam velar ainda pelos destinos de Portugal. Esta visão projectando-se na alma nacional, dera, 60 anos depois, o milagre de 1640.

Guimarães, fiel aliada da Poesia, servindo a grande causa do resgate, da ressurreição de um Povo, surge com o seu Poeta:

MANUEL TOMÁS

O seu poema *A Fénis da Lusitânia*, é consagrado à glória da revolução de 1640.

Nesse poema vêm umas estâncias que aludem ao papel dos vimaranenses nessa hora de redenção.

• O reduto de Lamas coube em sorte  
De Guimarães ao fêrço belicoso.  
Venceu com dar aos galegos morte,  
Línguas à Fama e nome sempre honroso.

• Todos filhos daquela venturosa  
Guerreira Guimarães, pátria querida,  
Que merecem na guerra sanguinosa  
Antecipar louvor à própria vida. •

Escreveu ainda Manuel Tomás outro poema de alto engenho poético — afirmam — e consagrado ao descobrimento da Ilha da Madeira: *A Insulana*.

D. Francisco Manuel de Melo, ornamento das letras portuguesas, fazendo subido panegirico a Manuel Tomás, cognominou-o: *Duas vezes cisne venerando*.

Aos 80 anos de idade, êste distintissimo vulto da poesia no séc. XVII, tivera morte trágica na Madeira. Escassa em notas a sua biografia, ficará porisso na bruma verde da formosa ilha, o perfil literário do poeta vimaranense — Manuel Tomás — sacerdote, como seu primo D. Agostinho Barbosa.

#### ACADEMIA LITERÁRIA

No ano de 1724 funda-se na mui antiga e nobre vila de Guimarães uma Academia Literária. Seus temas, versados em sessões periódicas, são em prosa e verso.

Corria o ano de 1728.

Os salões do Senhor de Abadim e Negrelos «iluminados com mais de 150 luzes», estão recebendo a fidalgaria da terra. O povinho, endomingado e curioso, acolvela-se para ver entrar na casa que é hoje da família Mota Prego, as nobres damas de altos toucados e saias em balão; Senhores de tricorne, calção e peruca; Cónegos de espada — tôda a suprema elegância de uma sociedade empavezada e fidalga. Para cima de 300 convivas! O Senhor de Abadim veste casaca escarlata, bordada a ouro e prata, «com alcachofras de canotilhos» — pormenoriza a crónica.

O acto académico começa. Recitam-se orações panegíricas «e muitas poesias elegantes em várias línguas». «Os famosos atletas», os «cisnes da poesia vimaranense», lá estavam — diz a crónica.

1746. Vindo estabelecer seu Paço na vila de Guimarães o Senhor D. José de Bragança, Arcebispo Primaz, a celebrada Academia Literária recrudescer de actividade. Em honra do Serenissimo Prelado, logo se realizam três oiteiros e duas sessões académicas, sendo, no dizer do cronista Tadeu Lopes, — «copiosa a torrente dos prontos e notáveis poetas Guimarãesenses».

Foram 32 os «cisnes» que entraram nestas côrtes poéticas, em honra dêsse Régio Prelado, filho de D. Pedro II e irmão de D. João V, que construíra seu Paço em Guimarães — casa que é hoje da família Couto.

O género poético destas solenes assembleias de «pomposas ninharias», dividia-se em três: heróico, lírico e jocoso.

Do último género são êstes versos de um diálogo entre um taberneiro de Braga e um de Guimarães.

Diz o braguês:

Quando fôr outra vez restituído  
Nosso Prelado ao seu palácio,  
Eu tornarei a ser mais assistido,  
É tu te tornarás ao cartapácio.  
Não cuides que te falo divertído  
Porque de Braga sou; não sou pascácio;  
Eu verei minhas glórias mais flamantes,  
Tu tornarás a ser, quem eras dantes.

O *trôco* do pseudo taberneiro de Guimarães é de uma liberdade... pouco decorosa. Mas, esclarece o cronista: «Sua Alteza, o Senhor D. José de Bragança, lhes permitiu a honra de recitarem os engraçados versos no seu palácio, dignando-se ouvi-los, ainda que oculto».

Destarte — como V. Ex.<sup>as</sup> estão apreciando — os ver-sejadores humorísticos davam expansão à veia; e, mercê dum manto diáfano, salvava-se o decôro e respeito hierárquicos.

D. José de Bragança, depois de uma permanência de três anos entre nós, abandonara Guimarães, caindo em luto de morte a celebrada *Arcádia* vimaranense dos meados do séc. XVIII, «na qual se agrupavam — escreve Alberto Pimentel — fidalgos eruditos, cônegos da Real Colegiada, doutores em leis, abades do concelho, numa palavra, a fina flor das letras de Riba-Vizela».

Presidia a êste... *ninho de rouxinóis*, o poeta vimaranense Afonso Lourenço de Carvalho, que pertenceu à Academia dos Arcades, em Roma, tendo como secretário, também votado às musas, o Dr. Domingos José de Freitas e Sampaio.

#### Minhas senhoras e Meus senhores:

Ali em baixo, na rua antigamente chamada de «Santa Rosa de Lima», viveu, pelo terço do séc. XVIII, uma remediada e honesta família, cujo chefe feirava em ouro, por terras de Entre-Douro-e-Minho. Dêste casal houve um filho varão de nome:

#### ANTÓNIO LOBO DE CARVALHO

Amimado na infância, provido de recursos e de talento na juventude, a sua vida, que atingiu 57 anos, forneceu abundantes materiais para um romance que Alberto Pimentel escreveu, sob o título: *O Lobo da Madragôa*.

De índole rebelde, Lobo de Carvalho foi um poeta satírico de «língua farpada», no juízo crítico de Camilo, que dêle se ocupa nas *Noites de Insônia*.

(Continua)

A. L. DE CARVALHO.